



POR UMA CIDADANIA DIGITAL: ENSINO DE HISTÓRIA E NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre

Professora substituta do Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo (IFPB-Cabedelo)

Pós-Doutora em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

marialuciabsa@gmail.com

Natália Batista Peçanha

Professora Adjunta do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Doutora em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

nataliahist@hotmail.com

A imagem que ilustra este dossiê temático representa muito bem os atravessamentos tecnológicos que incidem sobre a experiência de tempo e como o ensino de História vem sendo reconfigurado pela era digital. Vivemos em tempos em que a escola, a sala de aula e, sobretudo, o disciplina História são postos em xeque diante de seu imobilismo frente as rápidas mudanças em relação aos avanços tecnológicos e também em relação ao regime de historicidade imposto, que nos lança a uma experiência de eterno presentismo¹, colocando-nos diante de

¹ Essa experiência do tempo vivenciada a partir de meados do século XX e descrita por François Hartog como presentismo, lança uma relação com o tempo em que “o futuro começa a ceder terreno ao presente, (...) até dar a impressão recente de ocupa-lo por inteiro” (HARTOG, 2021: 142). As tecnologias possuem um papel importante nessa apropriação do tempo. Edgar Morin ao refletir sobre a ascensão da “Cultura de Massas no século XX” identifica que a compulsão pelo consumir, estimulado pela publicidade, moda, cinema, etc, contribuíram para a atomização do tempo e do indivíduo. (MORIN, 1967: 184). Esta prioridade do presente que caracteriza nosso tempo foi mais acirrado pela era digital em que vivemos. De acordo com Byung-Chul Han, as mídias digitais foram responsáveis pela formação de uma “sociedade sem respeito” sem o “pathos da distância”, que não consegue estabelecer uma relação de responsabilidade, confiança, que por conseguinte, não é capaz de “estabelece[r] um compromisso com o futuro”. Para o autor, assim como Morin, os meios de comunicação atuais estabelecem uma relação de não obrigatoriedade. Tudo é muito efêmero, estimulando, portanto, durações de curto prazo que priorizam o presente como característica do nosso tempo. (HAN, 2018: 107)

questionamentos como: Para quê estudar História se podemos conseguir qualquer informação através de uma busca no *Google* de forma imediata? Para quê estudar o passado? Quem gosta de passado é museu.

Por um lado uma escola que ainda possui uma estrutura opressora e padronizadora, com a prevalência de métodos e usos de linguagens que pouco estimulam a produção de uma sala de aula como um espaço de pesquisa, criatividade, dinamismo e afetividade.² Por outro lado, um alunado que já nasceu imerso às novas tecnologias e que são capazes de produzir, quando dado oportunidade e recursos para tal, produtos riquíssimos como a capa em questão. Produzida pelas/o alunas/o Anna Camila de Medeiros Serrano, Cauê Sobrinho de Brito e Maria Clara Pereira Souza, todas/o do 3º ano do curso de Multimídia integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, tal produção mostra como, com acesso a uma infraestrutura adequada que lhes proporcionem recursos tecnológicos dos mais variados, e, sobretudo, com professores que exerçam seu papel mediador, os/as discentes/as são capazes de produzir materiais de altíssima qualidade, principalmente no âmbito crítico e reflexivo, utilizando-se de Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TCICs)³.

Evidentemente que a realidade de um Instituto Federal se difere da maior parte das escolas da rede pública brasileira. Os últimos cinco anos⁴ foram providenciais para nos mostrar o abismo que há entre o mundo digital e a sala de aula. Um grande número das escolas públicas estaduais e municipais de ensino de todo o país vivenciando situações de precariedade técnica, sem *wifi* disponível às/aos discentes, salas de informática inexistentes e uso das tecnologias

² Não queremos aqui buscar culpados ou apontar o dedo para professores/as que já são tão sobrecarregados com críticas e descréditos pela sociedade. Todos sabemos as dificuldades impostas, sobretudo, na rede pública de ensino. Além disso, cabe ressaltar os esforços de programas de pós-graduação como o ProfHistória, que, destinado aos/às discentes atuantes no Ensino Básico, capacitam e geram resultados importantes que, certamente, são replicados nas escolas de atuação desses futuros mestres. Resultados como, a reflexão da História Pública em conexão ao Ensino de História; problematização do uso dos livros didáticos e outras linguagens de ensino, como as TDICs, por exemplo.

³ Segundo o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC 2010), em 2009, os meios mais utilizados eram: “televisão, telefone celular, rádio, telefone fixo, computador de mesa, antena parabólica, jogos (*videogames*), televisão por assinatura e computador portátil (*laptop*)” (GUIMARÃES, 2012: p.362). Em dados mais atuais, referentes ao período de 2021 (TIC Educação 2021 – Edição Covid-19), o CETIC identificou que para a realização das atividades educacionais remotas ou híbridas, os dispositivos mais utilizados foram: telefone celular, seguido de computador portátil, computador de mesa e tablet. Informações disponíveis em: https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2021_coletiva_imprensa.pdf Acessado em 26 de abril de 2023.

⁴ Coloco o ano de 2018 como o marco inicial deste processo apresentado, pois marca o ano de eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Campanha eleitoral marcada por *fake News* e disseminação em massa de posts na internet, feita por máquinas. Tal cenário revelou, que inclusive jovens, ditos nativos digitais, frente a um período de pós-verdades disseminadas pela internet, mostram-se verdadeiros analfabetos midiáticos, uma vez que não são capazes de tecer posicionamentos críticos sobre as informações que consomem pela internet. Byung-Chul Han informa que vivemos em um período de muitas informações, mas pouco saber, propiciado pela era digital. (HAN, 2013: p.75)

aquém das reais necessidades da escola.⁵ Esses cinco anos nos evidenciou, também, dois grandes problemas. O primeiro é a ilusão de que os ditos “nativos digitais”⁶ são letrados midiaticamente. O fato de manusearem apetrechos tecnológicos e “*toucharem*” seus *smartphones* com maestria, não significa que o consumo das mídias digitais ou de outras TDICs como o cinema, seja feita de forma crítica e reflexiva. Basta nos lembrarmos do consumo e proliferação desenfreada de *fake news* nas últimas campanhas eleitorais para a presidência, bem como o aumento de páginas de extrema direita e neonazismo, bastante consumida por jovens.

O segundo ponto revela-se em relação a ambiguidade em que as TDICs são experimentadas no âmbito escolar. Ora, visto como verdadeiros entraves ao andamento da aula, haja vista a dispersão causada pela utilização dos celulares pelos/as alunos/as nas salas. Na maioria das vezes não incorporado como uma ferramenta auxiliar que permita a construção de um ambiente investigativo em que os/as discentes/as sejam capazes de olhar para essa tecnologia para além de um canal que os fazem acessar redes sociais. Ora, utilizadas como a salvação da aula, como se a ferramenta em si fosse capaz de propiciar uma ambiente mais interativo, que estimule a criatividade e o ambiente de pesquisa.

Neste sentido, este dossiê nos possibilitará refletir o lugar que as TDICs ocupam no processo de construção de conhecimento, que sabemos, não se restringe a escola. Assim, em “O que significa ser um professor *Youtuber?*”, Pedro Botelho Rocha analisa como docentes vem desenvolvendo suas práticas a partir da plataforma *Youtube*. Nos últimos anos o alargamento da produção audiovisual com fins educacionais fizeram com que profissionais, sobretudo da disciplina de História, tenham se debruçado na elaboração de conteúdos midiaticizados. Isso fez com que a categoria Professor *Youtuber* ganhasse projeção, por isso o autor investiga como a cultura digital resultante dessas produções estabeleceu uma nova relação com a cultura escolar e contribuiu, para dar novos significados a conceitos como trabalho, formação docente e concepções pedagógicas sobre o ensinar história. Com base no olhar dos professores, o autor

⁵ A partir de dados consolidados pela Anatel, em 2022, foi identificado que 9,5 mil escolas brasileiras não possuem acesso à internet. De acordo com a pesquisa, “o final de 2022, 3,4 mil escolas no País (2,5%) não tinham acesso a rede de energia elétrica, 9,5 mil (6,8%) não dispunham de acesso à Internet e 46,1 mil (33,2%) não possuíam laboratórios de informática”. Disponível em: <https://www.gov.br/anatel/pt-br/assuntos/noticias/em-2022-brasil-registrou-9-5-mil-escolas-sem-acesso-a-internet> Acessado em: 26 de abril de 2023.

⁶ De acordo com Selva Guimarães, “assim são denominadas aquelas pessoas que nasceram e cresceram na cultura informatizada pós-1980, que acompanharam o desenvolvimento tecnológico, as mudanças, e que foram e estão sendo alfabetizados imersos em uma nova (para os velhos) linguagem, a digital. Enfim, formam aquele grupo de pessoas que sempre viveu no mundo informatizado.” (GUIMARÃES, 2012: p.363)

explora as diferenças em atuar sem sala de aula e por trás das câmeras, bem como o uso de linguagens midiáticas de forma didática e acessível ao grande público.

Seguindo a análise da cultura digital, Christiano Britto Monteiro e George Leonardo Seabra Coelho em, “Experiências didáticas, videogame e docência: roteiros de *gameplay* no Ensino de História”, contribuem com a formação de professores ao refletirem sobre novas representações da tecnologia digital pensadas como cultura e espaço de colaboração. Neste sentido, através das experiências que os/as discentes possuem relação ao uso de jogos eletrônicos/*games*, os autores apresentam como tal TDIC pode ser apropriada no processo de elaboração de *gameplay*, proporcionando novas práticas para o caminho da Educação Histórica.

Refletindo acerca da necessidade do letramento digital para alunos/as e professores/as, respectivamente “nativos” e “imigrantes” digitais, Max Fabiano Rodrigues de Oliveira, no artigo “O letramento digital em tempos de plataformização da educação e as possibilidades para o ensino de História”, nos permite, através do estudo de casos na Região do Lagos/RJ e na Universidade Federal do Ceará, compreender a importância do letramento digital e midiático para alunos/as e professores/as no enfrentamento das *fake news* e discursos de ódio proliferados, sobretudo, com a intensificação do uso das redes sociais no período da pandemia.

Ainda no âmbito pandêmico, Naicon de Souza Brinco discute em “O ensino de história na educação básica e expansão do imperialismo no ciberespaço” como o ensino remoto gerou um processo de colonização de espaços virtuais por grupos corporativos de maneira que a regulação de dados por grandes empresas podem homogeneizar comportamentos e/ou segregar indivíduos. Potencializar o avanço dos oligopólios da tecnologia nos permite uma reflexão sobre o lugar da educação enquanto mercadoria, mas também, a normatização de práticas que ressignificaram o uso de instrumentos de dominação sobre o campo educacional.

O desafio imposto pela pandemia de Covid-19 fez com que o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) fosse ampliado, isso casou efeitos que aceleraram a discussão sobre ensino de história, metodologias ativas e história pública. Com o intuito de contribuir com esse debate, Leandro Casali de Oliveira Medeiros e Vanessa Spinosa tratam em “O ensino de história em encruzilhada” sobre a experiência da sala de aula invertida. Partindo do “como aprender” ao invés de “como ensinar”, os autores discutem como estimular estudantes a elaborarem suas narrativas a partir das TDIC'S e docentes a usarem de maneira mais críticas essas ferramentas digitais.

Por fim, apresentamos a entrevista: “Reflexões sobre sul-sudeste-centrismo em relação aos estudos do Ensino de História e História Digital: uma conversa com Marcella Albaine, Hstéffany Muniz e Cleicimar Souza”. Nessa entrevista refletimos, através das experiências dessas três professoras, não apenas acerca dos desafios enfrentados por elas para a construção e implementação de uma História Digital no Norte do país, mas, sobretudo, buscamos realizar uma crítica a ideia das regiões Sul e Sudeste, como os únicos centros produtores de saberes acadêmicos, principalmente, da História Digital.

Referências

1. Sites

https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2021_coletiva_imprensa.pdf Acessado em 26 de abril de 2023.

<https://www.gov.br/anatel/pt-br/assuntos/noticias/em-2022-brasil-registrou-9-5-mil-escolas-sem-acesso-a-internet> Acessado em: 26 de abril de 2023.

2. Bibliografia

GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de Ensino de História*. 13ª ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. 1.ed; 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1967.

HAN, Byung-Chul. *No exame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

Sobre as autoras

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre: Professora substituta do Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo (IFPB-Cabedelo). Pós-doutorada pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR-UFRRJ) com o projeto "Imprensa Iguaçuana como fonte para História da Baixada Fluminense (Nova Iguaçu, 195-1970)" e

coordenadora do projeto de extensão “COPESBRA VAI À CAÇA”: ensino de história e formação de professores a partir de recursos multimidiáticos. Tem especial interesse pelas discussões sobre os processos históricos que envolvam imprensa, metodologias ativas e ensino de história no século XXI.

Natália Batista Peçanha: Professora Adjunta de Ensino de História da Universidade Federal de Uberlândia - ICHPO. Pesquisadora do Grupo de Trabalho Mundos do Trabalho e o Pós-Abolição (GEMTRAPA-UFRRJ), do GT Emancipações e o Pós-Abolição/MG e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Humanidades Digitais (NEPEHD-UFU). Desenvolve pesquisas sobre as relações de trabalho envolvendo empregadas domésticas, na virada do século XIX e princípios do século XX e pesquisas voltadas ao ensino de História das relações étnico-raciais e a aplicabilidade da lei 10639/03.